

TRANSMISSÃO INTERGERACIONAL E TEORIA SISTÊMICA DE BOWEN: contribuições para a compreensão das relações familiares

Vitor Gabriel Matsumura do NASCIMENTO¹

Victória Laís Alves da HORA²

Maria do Socorro Furtado BASTOS³

RESUMO

As transformações sociais, culturais e jurídicas ocorridas nas últimas décadas contribuíram para a diversificação das configurações familiares, ampliando as formas de organização da vida em família. Entretanto, tais mudanças não eliminaram processos relacionais que permanecem estruturando as dinâmicas familiares, dentre os quais se destaca a transmissão intergeracional. Compreendida como o compartilhamento de valores, crenças, memórias, narrativas, expectativas e padrões emocionais entre gerações, essa transmissão influencia a constituição dos vínculos familiares e a construção das experiências subjetivas de seus integrantes. Nesse contexto, o presente artigo tem como objetivo compreender como a teoria sistêmica de Murray Bowen contribui para a compreensão dos processos de transmissão intergeracional nas famílias contemporâneas. Trata-se de um estudo de natureza qualitativa, desenvolvido por meio de pesquisa bibliográfica, fundamentado em produções científicas acerca da transmissão intergeracional, das relações familiares e da teoria sistêmica de Bowen. Inicialmente, discutem-se os fundamentos e os desdobramentos da transmissão intergeracional nas relações familiares. Em seguida, são apresentados os principais pressupostos da teoria boweniana, enfatizando a compreensão da família como sistema emocional e analisando conceitos como diferenciação do self, triangulação, processo de projeção familiar, transmissão multigeracional e corte emocional. Conclui-se que a teoria sistêmica de Bowen oferece um referencial consistente para compreender a continuidade e a transformação dos padrões relacionais entre gerações, além de subsidiar intervenções voltadas ao fortalecimento da diferenciação do self e à ressignificação das dinâmicas familiares.

Palavras-chave: Transmissão inter geracional. Teoria sistêmica. Relações familiares. Terapia familiar sistêmica.

1 Graduado no curso de Psicologia (Bacharelado) pela Faculdade de Ciências Humanas - ESUDA.
Email: matsumuravitor@gmail.com.

2 Graduada no curso de Psicologia (Bacharelado) pela Faculdade de Ciências Humanas - ESUDA.
Email: victorialaisaa@gmail.com.

3 Mestre em Psicologia Clínica (UNICAP); Professora do Curso de Graduação de Psicologia da Faculdade de Ciências Humanas - ESUDA.
Email: msfurtadobastos@hotmail.com.

ABSTRACT

Social, cultural, and legal transformations over recent decades have contributed to the diversification of family configurations, expanding the ways in which family life is organized. However, these changes have not eliminated the relational processes that continue to structure family dynamics—most notably, intergenerational transmission. Understood as the sharing of values, beliefs, memories, narratives, expectations, and emotional patterns across generations, this transmission influences the formation of family bonds and the construction of family members' subjective experiences. In this context, this article aims to understand how Murray Bowen's systems theory contributes to an understanding of intergenerational transmission processes in contemporary families. This is a qualitative study based on a literature review, drawing on scientific research regarding intergenerational transmission, family relationships, and Bowen's systems theory. Initially, the study discusses the foundations and implications of intergenerational transmission within family relationships. Subsequently, it presents the key premises of Bowenian theory, emphasizing the view of the family as an emotional system and analyzing concepts such as differentiation of self, triangulation, the family projection process, multigenerational transmission, and emotional cutoff. The study concludes that Bowen's systems theory offers a robust framework for understanding the continuity and transformation of relational patterns across generations, while also informing interventions aimed at strengthening differentiation of self and reframing family dynamics.

Keywords: Intergenerational transmission. Systems theory. Family relationships. Systemic family therapy.

INTRODUÇÃO

A família brasileira contemporânea se encontra imersa em um cenário de profundas transformações sociais, culturais e jurídicas, que desafiam a hegemonia do modelo consanguíneo cisheterossexual historicamente consagrado. Como pontuam Santos e Santos (2024), a emergência de novos arranjos familiares, fundamentados em vínculos afetivos e compromissos de convivência, exige que a psicologia supere estereótipos excludentes, reconhecendo a diversidade como uma característica intrínseca do fazer família hoje. Esse deslocamento conceitual não é apenas uma mudança de forma, mas um imperativo para que a atuação clínica consiga abarcar a complexidade das dinâmicas subjetivas que se estabelecem nestas novas conjunturas (Santos; Pereira, 2023).

Nesse contexto de pluralidade, a compreensão das famílias brasileiras reflete uma ótica que transcende a análise das configurações externas, voltando-se para o estudo dos processos relacionais subjacentes. Ao situar a família como o berço da constituição subjetiva, torna-se imprescindível investigar como as heranças emocionais e os padrões intergeracionais são transmitidos e ressignificados sob o impacto dessas mudanças sociais. Como aponta Kehl (2024, n.p.), “a família tentacular contemporânea [...] traz em seu desenho irregular as marcas de sonhos

frustrados, projetos abandonados e retomados, esperanças de felicidade das quais os filhos, se tiverem sorte, continuam a ser portadores”.

Assim, dentre as múltiplas perspectivas que contemplam a compreensão acerca da família, destaca-se a teoria sistêmica de Murray Bowen. Nesse viés teórico, a família é entendida como um sistema vivo, onde cada indivíduo tem a sua esfera emocional compreendida em conjunto a partir das suas relações com os seus familiares (Otto; Ribeiro, 2020). Isso possibilita reflexões acerca da relevância do presente estudo, pautada na integração entre esses dois campos de discussão, isto é, o fator constitutivo da família na subjetividade de um indivíduo e a ampla produção de Bowen sobre a terapia sistêmica voltada para a família, a partir da ideia de transmissão intergeracional. Dessa forma, a perspectiva relacional da teoria de Bowen representa um favorecimento à ampliação da compreensão dos processos familiares, contribuindo, por fim, para as práticas clínicas mais abrangentes na terapia familiar sistêmica.

Com isso, para a formulação e fundamentação de tal concepção, parte-se da indagação inicial caracterizada em como a terapia sistêmica de Bowen poderia possibilitar a compreensão dos processos de transmissão intergeracional presentes nas famílias contemporâneas. Tal questionamento conduz ao principal objetivo do estudo, o qual é constituído por especificidades relacionadas à discussão acerca dos fundamentos da transmissão intergeracional nas relações familiares e à análise dos seus desdobramentos na dinâmica do sistema. Além disso, busca-se apresentar os fundamentos da teoria sistêmica de Bowen aplicados à compreensão das relações familiares, bem como discutir as suas contribuições para a investigação dos processos intergeracionais e suas implicações para a terapia familiar sistêmica.

Referente aos aspectos metodológicos, o estudo constitui uma revisão bibliográfica, de caráter qualitativo, com o intuito de propor uma análise temática a partir da delimitação e formulação da pesquisa (Marconi; Lakatos, 2003). Para que tal estrutura se sucedesse, foi utilizado como pilar teórico a principal obra de Murray Bowen no que tange à clínica da família, “Family Therapy in Clinical Practice”, de 2004, além do suporte de artigos científicos voltados para a temática familiar como forma de refinamento dissertativo-argumentativo.

1. A TRANSMISSÃO INTERGERACIONAL NAS RELAÇÕES FAMILIARES

A família, enquanto locus privilegiado de constituição do sujeito, não pode ser reduzida à mera dimensão biológica ou à reprodução de estruturas sociológicas estáticas. Assim, o âmbito familiar, conforme Correa (2003, p. 39), constitui “um espaço psíquico comum (intersubjetividade) que possibilita a passagem da transmissão psíquica entre as gerações através de diversas modalidades”. Nesse sentido, tal sistema se institui como um campo complexo e privilegiado de circulação de sentidos, onde valores, narrativas, memórias e padrões emocionais operam como instrumentos históricos da família que, fundamentalmente, atuam como forças estruturantes da subjetividade (Barros, 1989).

Embasando-se na compreensão da família como um espaço de transmissão, torna-se evidente que o que é legado entre as gerações excede a posse de bens materiais ou a nomeação, abrangendo um conjunto de elementos simbólicos e inconscientes que moldam a identidade dos seus membros e a própria dinâmica relacional do grupo (Barros, 1989). Portanto, a transmissão intergeracional deve ser entendida como um processo dinâmico, que ocorre na intersecção entre a história individual e a história coletiva da linhagem familiar, influenciando os modos de ser e de vincular-se na contemporaneidade, ainda que tais influências operem, muitas vezes, em um registro latente e invisível ao olhar cotidiano.

Nessa linha, reconhecer a transmissão como um fenômeno inerente à experiência familiar implica admitir que o sujeito não é o ponto de origem de sua própria história, mas sim o ponto de convergência de uma multiplicidade de linhas temporais. Logo, como destaca Correa (2003), a transmissão entre as gerações é uma exigência estruturante para a gênese do aparelho psíquico, uma vez que a criança necessita de um suporte familiar que lhe ofereça não apenas cuidados físicos, mas também uma inserção em uma cadeia de filiação que lhe preceda. Tal conjuntura se manifesta, segundo os escritos do psicanalista francês Lacan (1998), através dos discursos, leis e símbolos dos pais, de forma que o lugar do sujeito já seja demarcado simbolicamente antes do seu nascimento.

Essa “dívida” simbólica, que se estabelece desde a origem, cria um entrelaçamento profundo onde as expectativas das gerações anteriores são

projetadas sobre os descendentes, exigindo que estes ocupem lugares que foram desenhados muito antes de sua chegada ao sistema. Sob esse viés, o precursor da psicanálise Sigmund Freud (2010) postula, ao desenvolver suas erudições acerca do narcisismo, o estabelecimento de um lugar imposto à criança de realização dos desejos e expectativas dos pais, de forma que constitua uma revivificação e projeção das próprias exigências experienciadas na infância.

Diante disso, torna-se possível a evidenciação da família enquanto principal meio de transmissão entre as gerações. O que é transmitido, nesse aspecto, pode ser assimilado não apenas como elementos materiais, mas também a passagem de dispositivos de cunho simbólico, como valores, crenças, padrões, histórias e mitos familiares. A transmissão intergeracional, pois, mantém a perpetuação de estruturas simbólicas no sistema familiar a partir da elaboração de uma memória que promove a vinculação entre as diferentes gerações.

1.1 FUNDAMENTOS DA TRANSMISSÃO INTERGERACIONAL NAS RELAÇÕES FAMILIARES

A constituição da experiência familiar repousa sobre uma base de significados que são compartilhados e reconfigurados ciclicamente. A memória familiar, nesse contexto, revela-se como uma construção ativa e não como um registro arquivístico inerte, conferindo sentido ao presente a partir das experiências passadas, funcionando como um alicerce que sustenta a identidade grupal. Conforme aponta Barros (1989), as histórias narradas, os eventos celebrados e objetos de valor simbólico mantidos compõem um acervo que fundamenta a coesão familiar, permitindo que o grupo se reconheça como um conjunto portador de uma identidade que resiste, em certa medida, ao fluxo do tempo e às transformações sociais. Assim, a família opera como um repositório de valores e crenças que fornecem ao sujeito as coordenadas primordiais para sua inserção no mundo e para a estruturação do seu mundo interno (Costa et al., 2017).

Todavia, faz-se necessário reconhecer que a transmissão não se restringe ao conteúdo declarativo ou à narrativa intencional, visto que há uma dimensão daquilo que não é verbalizado que permeia as relações familiares, onde segredos, traumas e expectativas não formuladas ocupam um lugar central na economia psíquica do grupo. Segundo Rosa (2001), a transmissão da história familiar ocorre frequentemente por

HumanÆ. Questões controversas do mundo contemporâneo, v. 20, n. 2 (2026). ISSN: 1517-760

vias que escapam à intencionalidade consciente, sendo os vazios, as lacunas narrativas e os segredos transgeracionais elementos tão atuantes na constituição do sujeito quanto as histórias declaradas. A autora defende que, num ambiente familiar,

Não-dizer é a solução encontrada para o que supõem que possa destruir o filho e sua relação com eles. Há componentes morais – de culpa, frustração e dívida – não trabalhados nos pais, e que alteram a sua relação discursiva com o filho. Como forma de evitar enfrentar a ferida narcísica e a angústia que tais temas desencadeiam, evitam falar de sua história, na suposição de estarem poupando seus filhos daquilo que temem no que lhes foi transmitido (Rosa, 2001, p. 127).

Esses conteúdos silenciados, ao atravessarem as gerações, exigem que os descendentes lhes atribuam sentidos, transformando o que era um silêncio em uma carga psíquica que participa ativamente da forma como o indivíduo constrói seus próprios vínculos e organiza seu sofrimento. Nessas circunstâncias, percebe-se que “o que se transmite é aquilo que não pode ser contido, o que não encontra inscrição no psiquismo dos pais é depositado no psiquismo da criança” (Correa, 2003, p. 36), o que acarreta em um ciclo geracional de padrões familiares.

Essa transmissão opera, fundamentalmente, por meio de mitos familiares que conferem coesão e finalidade à existência do grupo através da definição de normas, crenças e valores (Costa et al., 2017). O mito familiar, sob essa perspectiva, surge como um organizador imprescindível, fornecendo ao conjunto uma narrativa coerente que, ainda que possa estar permeada por idealizações, atua como um mapa que orienta as relações e os papéis assumidos por cada membro (Ferrari; Piccinini, 2010). Tal arcabouço mítico cria uma ilusão de continuidade necessária para a estabilidade da estrutura familiar, mas também impõe limites severos à subjetivação, uma vez que o sujeito é convocado a sustentar uma verdade familiar que, por vezes, exclui ou interdita o desejo individual.

1.2 DESDOBRAMENTOS DA TRANSMISSÃO INTERGERACIONAL NA DINÂMICA FAMILIAR

A manifestação desses processos de transmissão nas relações concretas revela-se através da repetição de padrões relacionais e da cristalização de expectativas que atravessam o tempo. Sendo assim, a transgeracionalidade não se limita a um evento passado, mas opera como uma força viva na forma como os

HumanÆ. Questões controversas do mundo contemporâneo, v. 20, n. 2 (2026). ISSN: 1517-760

indivíduos, muitas vezes inconscientemente, reeditam modos de funcionamento herdados, seja por meio da identificação especular com figuras de autoridade, seja pela tentativa desesperada de reparação de legados que se tornaram onerosos (Scorsolini-Comin; Santos, 2012).

Scorsolini-Comin e Santos (2012) também salientam que a família funciona simultaneamente como um interdito e como um espaço de subjetivação, onde os conflitos não resolvidos das gerações anteriores encontram palco para se manifestar nas escolhas, nas repetições e nas patologias da geração atual. Assim, viabiliza-se a compreensão de que

Há um conteúdo subjetivo, e um padrão comportamental que se repete ao longo de gerações se remete à transmissão intergeracional e transgeracional de negócios inacabados. Os negócios inacabados podem deixar a sua marca com acontecimentos e doenças que se repetem por gerações, até que haja um encerramento, como em lutos, acontecimentos catastróficos, não ditos, que exigem finalização e desfecho (Castro; Maciel, 2024, p. 3).

Esses padrões repetitivos não são meras reproduções mecânicas, tal como foi concebido, mas desdobramentos de uma dinâmica de poder e afeto que organiza a vida cotidiana. Em situações onde a transmissão se dá de forma traumática ou através de vínculos rígidos, pois, observa-se a sedimentação de papéis que restringem severamente a autonomia dos membros, forçando-os a habitar lugares destinados por gerações pretéritas. Isso é evidenciado por Castro e Maciel (2024, p. 3) no que concerne à internalização consciente ou não das expectativas e objetivos da família, estabelecendo uma "lealdade invisível" a fim de manter os laços afetivos e o reconhecimento familiar, assim como o sentimento de pertencimento do grupo.

Ademais, Costa et al. (2017) demonstram que, em contextos de vulnerabilidade ou de patologias específicas, a transmissão geracional reflete-se na perpetuação de condutas que se tornam parte integrante da identidade familiar, sugerindo que o sujeito é, em grande medida, o portador de uma "tarefa" geracional que ele não escolheu, mas que se vê convocado a sustentar para manter a homeostase do sistema.

Não obstante, a complexidade desses desdobramentos torna-se ainda mais evidente quando analisamos a gestão dos legados. A herança familiar, composta não apenas por bens, mas por mandatos emocionais, expectativas de lealdade e traumas não elaborados, atua como uma força que exige um trabalho psíquico contínuo (Correa, 2003). Castro e Maciel (2024) sublinham que o processo de "devolução" de

legados transgeracionais é um movimento crítico no ciclo vital da família, pois se trata do momento em que o indivíduo, ao tomar consciência da carga que lhe foi imposta, busca renegociar os termos da sua filiação e demarcar uma diferença. Fica evidente, portanto, que a família é um sistema profundamente atravessado por processos de transmissão que moldam a subjetividade, o que torna imprescindível a adoção de um referencial teórico capaz de articular essa complexidade psicológica em uma compreensão estruturada e coesa do funcionamento relacional.

2. A TEORIA SISTÊMICA DE BOWEN E SEUS FUNDAMENTOS COMO MODELO EXPLICATIVO DAS RELAÇÕES FAMILIARES

A compreensão das dinâmicas de transmissão intergeracional, conforme delineado no capítulo anterior, requer uma fundamentação teórica capaz de transpor a análise da subjetividade individual para a complexidade das forças relacionais. Tendo isso em vista, a teoria sistêmica de Murray Bowen, pioneiro nos estudos acerca da terapia familiar, oferece o arcabouço necessário para essa transposição, ao conceber a família não como um agregado de indivíduos, mas como uma unidade emocional integrada, onde o comportamento de cada membro é inseparável da rede de interdependências que o constitui (Bowen, 2004). Assim, o presente capítulo explora os fundamentos bowenianos e a sua aplicabilidade clínica, evidenciando como este referencial interpreta a permanência e a reprodução de padrões relacionais ao longo das gerações.

O funcionamento familiar, sob a ótica de Bowen (2004), é regulado por um sistema emocional multigeracional que exerce uma influência contínua sobre as escolhas, as reações e os vínculos dos indivíduos. Diferente de outras abordagens que priorizam a análise diádica, isto é, formada por dois indivíduos, Bowen (2004, p. 344, tradução nossa) introduz o protótipo teórico de

Sistema emocional da família nuclear. Este conceito descreve a gama de padrões de relacionamento do sistema entre pais e filhos. Dependendo dos padrões de relacionamento que cada cônjuge desenvolveu em suas famílias de origem e dos padrões que eles continuam no casamento, os padrões adaptativos na família nuclear irão em direção ao conflito conjugal; em direção à disfunção física, emocional ou social em um dos cônjuges; em direção à projeção dos problemas parentais em um ou mais filhos; ou a uma combinação de todos os três padrões.

Bowen (2004), em outros trechos, destaca a abrangência desses padrões relacionais para além do núcleo familiar tradicional, de tal maneira que membros mais distantes da rede familiar e até mesmo não parentes sejam emocionalmente afetados. Dessa forma, depreende-se que o referido sistema atua como uma força que regula a busca por proximidade e a necessidade de distanciamento entre os membros. Nesse raciocínio, segundo Otto e Ribeiro (2020), a interdependência entre os sistemas intelectual e emocional é o que define o nível de funcionamento de uma família, dado que em sistemas onde a fusão emocional é predominante, a capacidade de resposta racional frente às demandas da vida é severamente comprometida.

Consequentemente, o sintoma emerge enquanto uma forma de manifestação de determinados conflitos não elaborados no sistema familiar, acometendo a saúde biopsicossocial de um ou mais membros. Nessa lógica, o sintoma acaba por refletir aspectos históricos do grupo familiar, no qual a perpetuação de padrões anímicos e comportamentais nas interações entre os membros, ao mesmo tempo que mantém a permanência do sistema, promove o acometimento de distúrbios direcionados a um determinado membro (Costa, 2010).

Nesse contexto, a ansiedade crônica surge como um elemento central, não como um sintoma individual, mas como uma tensão que circula pelo sistema, sendo gerida pelos mecanismos de funcionamento familiar. Bowen (2004) articula que o nível de diferenciação do *self*, isto é, a capacidade de manter a própria individualidade enquanto se permanece conectado emocionalmente aos outros, é o determinante principal da saúde relacional. Com base nisso, indivíduos com baixo nível de diferenciação tendem a reagir de forma automática à ansiedade dos outros, tornando-se mais propensos à triangulação. Conforme explicam Otto e Ribeiro (2020), a triangulação ocorre quando a tensão entre dois membros de um sistema se torna insuportável, convocando um terceiro elemento para desviar o foco da relação original, estabilizando temporariamente o sistema, porém cristalizando padrões conflituosos.

Diante disso, a perspectiva sistêmica, como bem pontua Costa (2010), exige do clínico um movimento de distanciamento da "queixa manifesta" para o mapeamento desses processos interacionais. Enquanto a abordagem clínica tradicional foca na psique do paciente, a teoria de Bowen propõe que a compreensão da família depende de uma leitura que inclua os padrões de comunicação e as regras que governam a autorregulação do grupo. Consequentemente, o uso do genograma,

fundamentado na teoria boweniana, permite ao terapeuta visualizar a trajetória dessas forças sistêmicas, tratando o sistema familiar como a própria unidade de intervenção (Costa, 2010).

2.2 A TERAPIA FAMILIAR SISTÊMICA DE BOWEN COMO POSSIBILIDADE TERAPÊUTICA

A continuidade dos padrões familiares ao longo do tempo é explicada pelo processo de transmissão multigeracional, no qual Bowen (2004) descreve que o nível de diferenciação do self de uma geração é moldado pelo nível de diferenciação das gerações anteriores, considerando que o processo de projeção familiar constitui o mecanismo primordial dessa transmissão. Nesse processo, os pais, movidos pela ansiedade frente aos desafios do sistema, projetam seus próprios conflitos e expectativas em um dos filhos, que, ao absorver esse foco emocional, tem sua autonomia restringida e sua trajetória vinculada ao funcionamento do sistema parental (Bowen, 2004).

Esses legados emocionais, quando não elaborados, resultam frequentemente no corte emocional ou *cut-off*, definido como uma tentativa, muitas vezes drástica, de gerir a ansiedade através do distanciamento físico ou psicológico das figuras parentais (Bowen, 2004). No entanto, alertam Otto e Ribeiro (2020), o corte emocional não promove a verdadeira diferenciação, visto que age contrariamente mantendo o indivíduo "amarrado" ao sistema através da negação da conexão, perpetuando a transmissão geracional por vias silenciadas.

É nesse ponto que a terapia familiar sistêmica, conforme contextualizada por Costa (2010), encontra o seu papel interventivo ao não buscar a mera modificação do sintoma, mas a flexibilização dos padrões relacionais e o aumento da diferenciação do self através da ressignificação das lealdades e da história familiar. Outrossim, Otto e Ribeiro (2020, p. 91) enfatizam que

o objetivo da terapia é, nesse sentido, auxiliar os membros da família a seguirem em direção a níveis mais altos de diferenciação, em que haja menos culpa, menor reatividade e maior responsabilidade por si no sistema emocional, bem como uma definição mais clara de sua individualidade em relação à unidade emocional multigeracional. Isso se dá por meio de um processo de observação, conhecimento e valorização mais consciente de si e das interações com os outros.

Nessa perspectiva, torna-se possível assimilar que a intervenção clínica, alicerçada nos pressupostos de Bowen, objetiva que os membros do sistema possam desenvolver uma maior autonomia intelectual diante da pressão emocional exercida pelo coletivo familiar. Costa (2010) reforça que, ao integrar a compreensão sistêmica com as nuances da realidade brasileira (como as variações culturais e de poder), o terapeuta familiar se torna um agente capaz de desconstruir o automatismo da repetição. A mudança, portanto, não advém da alteração da estrutura física da família, mas da transformação do processo emocional interno que liga seus membros (Otto; Ribeiro, 2020).

Para tal fim, o terapeuta familiar assume um papel de treinador e supervisor frente aos problemas apresentados na demanda dos membros do grupo, destacando a minuciosa investigação acerca dos detalhes da família por meio de perguntas constantes e evitação de interpretações (Bowen, 2004). Defronte às nuances conflitivas da família, é imprescindível que o terapeuta priorize o esforço técnico para evitar qualquer envolvimento transferencial que possa interferir negativamente no processo terapêutico familiar, o que eleva a necessidade de haver uma diferenciação do *self* com a sua família de origem (Otto; Ribeiro, 2020).

Assim, esse processo viabiliza a clara definição de suas atribuições técnicas diante da família, de forma que se propicie a análise e restauração do equilíbrio das relações e do ambiente ao auxiliar cada membro a identificar a sua participação no sistema. Isso possibilita aos familiares elevar o nível de diferenciação e, ao fim, contribuir para o rompimento gradual da transmissão automática de padrões herdados de gerações anteriores (Bowen, 2004).

Outro pilar da intervenção boweniana é o processo de detriangulação, o qual consiste em promover assistência aos membros da família na sustentação de conflitos ou tensões sem a necessidade de envolver um terceiro elemento para aliviar a ansiedade do sistema (Bowen, 2004). Nesse panorama, Bowen (2004) enfatiza que ao adotar uma postura de neutralidade, ou seja, fora do campo emocional, o terapeuta possibilita à família o reconhecimento dos triângulos ativos em sua dinâmica, de modo que os membros se tornem capazes de desconstruir os mecanismos projetivos e ressignificarem a sua herança emocional a partir de uma posição de maior autonomia.

Em última análise, a lente boweniana demonstra que a transformação das heranças emocionais exige que o indivíduo reconheça a sua inserção no sistema e,

simultaneamente, recupere a sua capacidade de escolha. Logo, ao investigar os fenômenos de transmissão como parte de uma dinâmica que, embora onipresente, é passível de diferenciação, o modelo de Bowen oferece não apenas uma explicação diagnóstica, mas também um recurso terapêutico para a mudança estrutural na família (Bowen, 2004).

CONSIDERAÇÕES

O presente estudo teve como objetivo compreender como a teoria sistêmica de Murray Bowen contribui para a compreensão dos processos de transmissão intergeracional nas famílias contemporâneas. Desse modo, partindo do reconhecimento de que as transformações sociais e culturais das últimas décadas modificaram as configurações familiares, mas não eliminaram a função da família como espaço privilegiado de construção dos vínculos e de circulação de conteúdos relacionais, buscou-se evidenciar que a transmissão intergeracional permanece como um processo fundamental para a compreensão das dinâmicas familiares.

Ao longo da discussão, foi possível compreender que a transmissão intergeracional ultrapassa a ideia de mera reprodução de valores ou tradições, envolvendo também a circulação de crenças, narrativas, expectativas, padrões relacionais e heranças emocionais que atravessam diferentes gerações. Nesse sentido, a família configura-se como um espaço em que experiências subjetivas são continuamente compartilhadas, ressignificadas e transmitidas, influenciando tanto a organização dos vínculos quanto a forma como seus integrantes se relacionam consigo mesmos e com os demais membros do sistema familiar.

À luz desse cenário, verificou-se que a teoria sistêmica de Bowen pode oferecer um referencial teórico consistente para a compreensão desses processos ao conceber a família como um sistema emocional, no qual os comportamentos individuais são indissociáveis das relações estabelecidas entre seus membros. Assim, conceitos como diferenciação do *self*, triangulação, processo de projeção familiar, transmissão multigeracional e corte emocional mostraram-se fundamentais para interpretar a continuidade e a transformação dos padrões relacionais ao longo das gerações, possibilitando uma leitura ampliada da dinâmica familiar para além de explicações centradas exclusivamente no indivíduo.

Do ponto de vista da prática clínica, a perspectiva boweniana evidencia que a compreensão dos processos intergeracionais amplia as possibilidades de intervenção ao favorecer a identificação de padrões relacionais transmitidos entre gerações e estimular processos de diferenciação, flexibilização das relações familiares e ressignificação das heranças emocionais. Dessa forma, a terapia familiar sistêmica apresenta-se como um importante recurso para o desenvolvimento de intervenções que considerem a complexidade das relações familiares e a interdependência existente entre seus membros.

Por fim, considera-se que este estudo contribui para o diálogo entre as discussões sobre transmissão intergeracional e a teoria sistêmica de Bowen, ao evidenciar a pertinência desse referencial para a compreensão das relações familiares na contemporaneidade. Reconhece-se, contudo, que a natureza bibliográfica desta investigação delimita o alcance de suas conclusões, indicando a necessidade de pesquisas empíricas que explorem a manifestação desses processos em diferentes configurações familiares e contextos socioculturais. Espera-se, assim, que as reflexões apresentadas possam subsidiar novas investigações e fortalecer o debate acerca da transmissão intergeracional como dimensão central para a compreensão da família e de suas dinâmicas relacionais.

REFERÊNCIAS

BARROS, M. M. L. de. Memória e família. **Estudos Históricos**, v. 2, n. 3, p. 29-42, 1989. Disponível em: <https://periodicos.fgv.br/reh/article/view/2277>. Acesso em 20 jun, 2026.

BOWEN, Murray. **Family therapy in clinical practice**. Lanham: Rowman & Littlefield Publishers, 2004.

CASTRO, Amanda; MACIEL, Manuela. Devolução de heranças familiares: um estudo de caso de legados transgeracionais. **Revista Brasileira de Psicodrama**, v. 32, e1424, p. 1-13, 2024. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/psicodrama/a/jWDTMDwHj9QRR5Czh9yVTgP/abstract/?lang=pt>. Acesso em 25 jun, 2026.

CORREA, O. B. R.. Transmissão psíquica entre as gerações. **Psicologia USP**, v. 14, n. 3, p. 35-45, 2003. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pusp/a/H75VPQqNGChsyHwFM5xXqBQ/?format=html&lang=pt>. Acesso em 25 jun, 2026.

COSTA, Liana Fortunato. A perspectiva sistêmica para a clínica da família. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, 26, 95-104. 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ptp/a/hH3DDqjySX3GHXqYG7tJwZD/abstract/?lang=pt>. Acesso em 20 jun, 2026.

HumanÆ. Questões controversas do mundo contemporâneo, v. 20, n. 2 (2026). ISSN: 1517-760

COSTA, L. F. et al.. Transmissão geracional familiar em adolescentes que cometeram ofensa sexual. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 37, n. 4, p. 995-1010, out. 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pcp/a/BPbM6BhvCPgfpPWXbgFqL3h/?format=html&lang=pt>. Acesso em 25 jun. 2026.

FERRARI, A. G.; PICCININI, C. A.. Função materna e mito familiar: evidências a partir de um estudo de caso. **Ágora**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 2, p. 243-257, jul/dez 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/agora/a/HM7c4tPdHX8F3QmNSHKbbHx/abstract/?lang=pt>. Acesso em 15 jun. 2026.

FREUD, Sigmund. Introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos (1914-1916). In: **Obras completas**, v. 12. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

KEHL, Maria Rita. Em defesa da família tentacular. **Boitempo**, São Paulo, 10 dez. 2024. Disponível em: <https://blogdaboitempo.com.br/2024/12/10/em-defesa-da-familia-tentacular/>. Acesso em 1 jul. 2026.

LACAN, Jacques. **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 5 ed. São Paulo: Atlas, 2003.

OTTO, Ana Flávia Nascimento; RIBEIRO, Maria Alexina. Contribuições de Murray Bowen à terapia familiar sistêmica. **Pensando fam.**, Porto Alegre, v. 24, n. 1, p. 79-95, jun. 2020. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-494X2020000100007. Acesso em 13 jun 2026.

ROSA, Miriam Debieux. O não-dito familiar e a transmissão da história. **Psychê**, v. 5, n. 8, pp. 123-137, 2001. Disponível em: <https://repositorio.usp.br/item/001227228>. Acesso em 20 jun. 2026.

SANTOS, Diego Vinicius Brito dos; SANTOS, Geiza Venícia dos. Transformações no conceito de família e suas implicações sociais. **Cadernos de Gênero e Diversidade**, v. 10, n. 4, p. 378-412, 2024. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/cadgendiv/article/view/56155>. Acesso em 02 jul. 2026.

SANTOS, Liliâne Cristina; PEREIRA, Marcelo Ricardo. Família e sociedade no contexto brasileiro: reflexões para a psicologia. **PLURAL – Revista de Psicologia UNESP**, Bauru, v. 2, e023010, 2023. Disponível em: <https://revistaplural.emnuvens.com.br/prp/article/view/41>. Acesso em 03 ju.l 2026.

SCORSOLINI-COMIN, Fábio; SANTOS, Manoel Antônio dos. Família interdita: transgeracionalidade. e subjetivação em três obras ficcionais. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 17, n. 2, p. 255-266, abr/jun 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pe/a/bKd7bQrBGKhxWP4W6Dk4bdm/?format=html&lang=pt>. Acesso em 21 jun. 2026.